



EU SOU MALALA”: gênero, representatividade e educação como prática transformadora

Amanda Gomes Pereira¹
Lucas Oliveira dos Santos²
Gizele Oliveira dos Santos³

Resumo

Este artigo tem por intuito compartilhar as experiências vivenciadas pela equipe executora de um projeto de ensino realizado nas escolas públicas estaduais do município de São Bernardo/MA, cujo objetivo foi a implementação, reflexiva e crítica, de metodologias do ensino de Sociologia promotoras de diálogos e interfaces com diferentes linguagens, tais como o cinema, bem como a inserção de mídias sociais. Durante os meses em que as atividades foram realizadas na escola, foi utilizado o próprio material existente na instituição, os livros da ativista paquistanesa Malala Yousafzai, distribuídos pelo governo do estado do Maranhão, com a finalidade de debater temas centrais da Sociologia, tais como: desigualdades sociais e de gênero, cidadania, direito igualitário à educação, relacionando com conceitos presentes na base curricular da disciplina do ensino médio. Como conclusão, pode-se perceber que a proposta de Paulo Freire, centrada na valorização das experiências dos estudantes, se constitui como uma ferramenta poderosa para tornar o ensino de Sociologia contextualizado, interdisciplinar, plural e, ao mesmo tempo, visto como interessante para as alunas e alunos.

Palavras-chaves: Educação libertadora. Ensino de Sociologia. Malala. Práticas pedagógicas.

¹ Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UERJ. Professora Adjunta de Sociologia no Curso de Ciências Humanas, Campus São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão/UFMA. Coordenadora do Grupo de Estudos de Gênero e Educação Chita/ Gitã. *E-mail:* agpereirang@gmail.com.

² Licenciando em Ciências Humanas/ Sociologia pela Universidade Federal de Maranhão. *E-mail:* lo.santos@discente.ufma.br.

³ Licenciada em Ciências Humanas/ Sociologia pela Universidade Federal de Maranhão. *E-mail:* gizele107@gmail.com.

"I AM MALALA": gender, representation and education as a transformative practice

Abstract

This paper aims to share the experiences of the executive team of a teaching project carried out in state public schools in the city of São Bernardo, State of Maranhão, whose objective was the pondered and critic implementation of methodologies of teaching Sociology that promote dialogues and interfaces with different languages, such as cinema, as well as the introduction of social media. During the months in which the activities were carried out at school, we used the material available at the institution, books by Pakistani activist Malala Yousafzai, distributed by the state government of Maranhão, to discuss central themes of Sociology, such as: social and gender inequalities, citizenship, egalitarian right to education, relating to concepts present in the curriculum of this high school course. As a conclusion, it can be noticed that Paulo Freire's proposal, centered on the appreciation of students' experiences, constitutes a powerful tool to make the teaching of Sociology contextualized, interdisciplinary, plural and, concurrently, seen as interesting for both male and female students.

Keywords: Liberating Education. Malala. Pedagogical Practices. Sociology teaching.

INTRODUÇÃO

O Projeto de Ensino Foco Acadêmico⁴, coordenado pela docente Amanda Gomes Pereira e intitulado “Cinema e Educação: linguagens, mídias sociais e performances no ensino de Sociologia na rede pública de São Bernardo/MA”, iniciou suas atividades nas escolas no dia 16 de setembro de 2019, tendo como público-alvo estudantes do 1º ano C do Centro de Ensino Déborah Correa Lima⁵.

⁴ O Programa Foco Acadêmico, da Universidade Federal do Maranhão, “[...] tem como objetivo possibilitar, aos(as) estudante em situação de vulnerabilidade socioeconômica, experiências em projetos no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão, a fim de contribuir com o fortalecimento de sua formação acadêmico-profissional”. Disponível em <http://www.campusbalsas.ufma.br/index.php/foco-academico-2/>. Acesso em 04 jul. 2020.

⁵ O Centro de Ensino Déborah Correa Lima é uma das seis instituições da educação básica no município de São Bernardo/MA, sendo a que possui melhor infraestrutura física, com auditório com ar-condicionado, salas amplas e ventiladas. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica da escola foi de 3,7, em 2017.

Em um primeiro momento, os licenciandos e licenciandas (estudantes do curso de licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia) que participaram do projeto receberam a tarefa de observar a turma em que o projeto seria desenvolvido – cujo objetivo era utilizar a linguagem do cinema e da literatura no ensino de Sociologia. No decorrer das aulas, foram observadas e anotadas algumas interações entre professora e estudantes, avaliando como era ministrada a aula e como era o comportamento de alunas(os) durante essa aula.

As anotações elaboradas serviram como base de discussão sobre como realizar as atividades desenvolvidas posteriormente pelo projeto de ensino, de modo que a turma interagisse de maneira positiva com as propostas estabelecidas pela nossa equipe. Essa fase de observação foi fundamental, uma vez que muitos de nós, licenciandas(os) participantes do projeto, não tínhamos experiência com estágio em ensino médio. Além disso, a observação das aulas contribuiu para que compreendêssemos o motivo pelo qual a coordenadora do projeto tinha escolhido aquele turno, o vespertino, e a turma 1º ano C.

A fim de nortear o andamento do projeto, alguns pontos precisam ser debatidos, tais como analisar a percepção das(os) licenciandas(os) quanto à turma escolhida, pois as atividades seriam realizadas em uma das turmas caracterizada pelos professores e pela direção da escola como sendo a de pior rendimento escolar nas tarefas, apresentando notas baixas, além de terem alunos desinteressados, dificultando a realização das atividades. Essa era uma turma que contava com alto número de estudantes repetentes, segundo a direção e a equipe da coordenação dessa instituição de ensino.

É importante destacarmos que, enquanto licenciandas(os), ao nos depararmos com a turma, algumas(ns) das(os) bolsistas e voluntárias(os) acabaram culpando as(os) estudantes previamente pelas dificuldades na implementação do projeto. Contudo, uma vez que o objetivo do projeto era pensar metodologias de ensino de Sociologia em diferentes realidades e contextos, essa oportunidade foi crucial para que nós, enquanto equipe, revíssemos nossas certezas, sendo levadas(os) a pensar alternativas para os desafios enfrentados. Isso

porque é compartilhada pela equipe a ideia de que, como educadoras(es), precisamos realizar o exercício de empatia com relação à(ao) educanda(o) para, assim, tentar compreender quais são suas dificuldades, tanto dentro como fora do ambiente escolar (dificuldades essas que acabam interferindo no processo de ensino-aprendizagem).

Durante o processo de ensino-aprendizagem, é preciso levar em conta a perspectiva de professoras e professores, mas também dos demais atores que fazem parte do ambiente escolar, tais como os membros da equipe gestora, os encarregados pela limpeza e segurança, dentre outros. Aqui, destacamos o papel da professora, interlocutora e mediadora do projeto junto com a nossa equipe. Durante o período de observações até o término do projeto, foi observado o fato de que, diferentemente de outros momentos em que se estabeleceram parcerias entre a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e as escolas estaduais, a professora de Sociologia da escola estadual sempre esteve presente no desenvolvimento das atividades do projeto, acompanhando e, em alguns momentos, auxiliando nas atividades.

Na primeira observação realizada por estudantes da UFMA, foi possível observar o domínio do assunto ministrado pela docente, além da boa relação dela com as(os) educandas(os), em geral. Entretanto, notamos que a docente tinha dificuldade de exercer a autoridade com as/os estudantes durante suas aulas. Ademais, ao longo do projeto, constatamos que uma parcela dos estudantes ficava conversando, como se não existisse uma professora em sala de aula. Essa interação, como aponta o educador Paulo Freire, acaba tendo consequências. Ao descrever a inquietação de um professor que havia repreendido um estudante que importunava a turma, esse autor ressalta: “Licencioso teria sido se tivesse permitido que a indisciplina de uma liberdade mal centrada desequilibrasse o contexto pedagógico, prejudicando assim o seu funcionamento” (FREIRE, 2005, p. 117-118). No caso em questão, a reprodução de práticas tradicionais no ambiente escolar coloca como imperativa a necessidade de a professora chamar a atenção dos estudantes, pois do contrário ela perderia o domínio da situação, prejudicando o andamento da aula.

Ao destacarmos esse ponto, queremos levantar um aspecto crucial de análise: as relações de gênero em ambientes escolares. Ao conversarmos com a professora, ela relatou que indagara aos seus colegas homens se tinham problemas com indisciplina durante as suas aulas. Eles disseram que conseguem, de maneira habilidosa, manter a turma quieta e, assim, garantir o desenvolvimento das atividades de ensino. Há dois aspectos a serem ressaltados. O primeiro diz respeito ao fato de que mulheres, durante os “[...] processos de socialização, são educadas para serem dóceis, discretas, gentis, a obedecer, a pedir licença e serem polidas em seus gestos e atitudes” (LOURO, 2000, p. 11).

A professora responsável pela disciplina nessa instituição escolar é graduada em Ciências Humanas, com habilitação em Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão e, no ano de 2021, ingressou no mestrado em Sociologia dessa mesma instituição. Durante a observação das aulas, foi possível perceber seu conhecimento da disciplina e sua habilidade em repassar o conteúdo. Para Vargas (sem data, p. 9): “[...] somente professores com uma sólida formação são capazes de sugerir materiais, referências e interpretações fundamentadas no arsenal teórico metodológico das ciências sociais, capazes de superar uma interpretação puramente subjetiva e vaga dos fenômenos discutidos”. Durante o estágio supervisionado, os estudantes relataram a escassez de professores formados em Sociologia ministrando a disciplina. Nesse sentido, a professora em questão representa uma exceção a essa regra, uma vez que é a única docente de Sociologia, concursada pelo estado do Maranhão, parte da equipe de professores permanentes de uma escola pública do município.

É preciso destacar, contudo, que os aspectos relacionados à formação da professora não são suficientes para que as(os) estudantes reconheçam o trabalho desenvolvido por ela como sendo bem-sucedido. No dia a dia, ela utiliza metodologias tradicionais de ensino – como o livro didático e o quadro. Essas técnicas são justificadas pela falta de tempo, uma vez que ela é a única professora dessa disciplina na escola, atuando nos turnos matutinos e vespertinos.

Vargas (sem data, p. 6) destaca que:

Com uma carga horária, em geral de uma hora-aula semanal apenas, e isolamento na estrutura curricular, o ensino da sociologia fica confinado e limitado a um trabalho superficial e apressado, de difícil continuidade, na contracorrente da própria natureza dos conhecimentos contruídos ao longo da história das ciências sociais.

Assim, o que se percebe é que à Sociologia não é dado o mesmo tratamento recebido pelas demais disciplinas. Tal situação se agrava com as mudanças nas propostas curriculares, como a Base Nacional Comum Curricular, de diminuição de carga horária destinada à Sociologia em diferentes estados. Em um cenário de ataques, as parcerias entre a universidade e as instituições da educação básica trazem inúmeras possibilidades na implementação de ações que permitam reflexão e revisão das práticas pedagógicas relacionadas ao estímulo pelo interesse com relação à construção de um olhar sociológico.

Depois da primeira observação, as(os) licenciandas(os) e a professora responsável pelo Projeto Foco Acadêmico se encontraram na universidade para debater de que forma seriam desenvolvidas as etapas, de modo a contemplar os objetivos traçados na proposta. Como a escola tinha muitos exemplares do livro da ativista em Direitos Humanos – especialmente dos direitos voltados para a educação das mulheres em seu país e no mundo –, Malala Yousafzai, ficou decidido que iríamos trabalhar o livro dela a partir da leitura proporcionada pelo olhar sociológico. Esse livro foi escolhido também porque, ao circular pela escola durante a supervisão de estagiários do curso de licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, a coordenadora do projeto observou a existência de inúmeros exemplares do livro da Malala no canto de uma sala, embalados, porém no chão. Ao perceber a preciosidade, teve o lampejo de iniciar o desenvolvimento do projeto, uma vez que por meio do livro poderíamos debater temas ligados à Sociologia, tais como: desigualdades sociais e de gênero – tomando como exemplo o acesso desigual à educação por homens e mulheres⁶ –, assim como globalização, relativismo

⁶ Segundo dados do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, em 2010, considerando-se a população do município de São Bernardo/MA de 25 anos ou mais, 38,35% eram analfabetos, 24,72% tinham o ensino fundamental completo, 14,87% possuíam o ensino médio completo e 3,80% o superior completo. No Brasil, esses percentuais são, respectivamente, 11,82%, 50,75%, 35,83% e

cultural (junto com essa temática, apresentar o conceito de cultura) e as categorias cidadania, classe e Estado-Nação.

1 **DESCREVENDO O CAMPO DE TRABALHO**

As escolas-campo escolhidas para o desenvolvimento do Projeto Foco Acadêmico foram duas: o Centro Educacional Déborah Correia Lima e o Centro de Ensino Doutor Henrique Couto.

Inicialmente, as ações foram implementadas na escola C. E. Déborah Correia Lima, localizada na cidade de São Bernardo, no estado do Maranhão, sendo a escola pública com melhor infraestrutura nesse município. Os estudantes regularmente matriculados na escola são em parte moradores da zona urbana da cidade e em parte moradores residentes dos povoados próximos ao município de São Bernardo – sendo que essas(es) alunas(os) residentes da zona rural necessitam do transporte escolar para chegar até a escola.

Por se tratar de um contexto que comporta realidades distintas, as diferenças tornam-se visíveis quando adentramos a fundo no ambiente educacional. Nas salas de aula, observamos as dinâmicas formadas por essa complexa realidade. As diferenças não se expressam unicamente entre as(os) estudantes, mas também entre profissionais que compõe esse ambiente, visto que os professores são, em sua maioria, de outros municípios. Esses fatores refletem diretamente no âmbito da sala de aula, devido a comparações e falta de vínculos com a cidade. Essas comparações revelam percepções equivocadas, uma vez que as realidades sociais em cada contexto educacional e as trajetórias de vida pessoal dessas(es) alunas(os) são diferentes uma das outras.

A rotina da escola permite perceber as desigualdades entre os estudantes da área urbana – que detêm maior acesso aos capitais culturais – e os estudantes

11,27%. Disponível no site: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/sao-bernardo_ma#educacao. Acesso em 07 jun. 2020.

residentes da zona rural, que não possuem acesso ao mesmo capital cultural, estando inseridos em contextos culturais diversos. Enquanto uns têm facilidade de acesso a internet, por exemplo, para outros faltam oportunidades. Essas diferenças refletem na sala de aula, na relação que alunas(os) desenvolvem com a escola, colegas e professores, assim como na relação que esses estudantes estabeleceram conosco durante o tempo que passamos na instituição escolar.

No dia a dia desse ambiente educacional, as particularidades de cada indivíduo, quando observadas pelo olhar do pesquisador, tornam-se visíveis. Essas especificidades acabaram refletindo no desenvolvimento do processo educativo.

É importante destacar que um dos fatores que levou à escolha do Centro Educacional Déborah Correia Lima como escola-campo de implementação do projeto foi a experiência da escola com outros projetos da universidade, sendo assim considerado um ambiente privilegiado – visto que, comparada com as outras escolas presentes no município, essa escola apresenta distinções significativas das outras. A instituição apresenta um ambiente diverso e privilegiado para seus alunos e suas alunas por contar com o desenvolvimento de diferenciados projetos nos últimos, além de desenvolver ações encabeçadas pelo grêmio estudantil.

Nesse sentido, é salutar ressaltarmos que os laços criados com essa instituição de ensino, a partir do estabelecimento de diálogos positivos e construtivos com os profissionais e os estudantes, nos renderam contribuições significativas durante a realização do projeto – assim como para o estabelecimento de futuras parcerias. Um dos resultados oriundos dessas parcerias foi a solicitação de auxílio da diretora adjunta da escola no desenvolvimento de um projeto em execução, tendo por proposta a implementação de uma sala de leitura na instituição de ensino.

Entretanto, é válido destacar que, embora a escola apresente uma melhor infraestrutura e conte com o desenvolvimento de projetos e parcerias, ela enfrenta algumas das mesmas problemáticas encontradas em outras escolas do município, tais como: a evasão escolar, a estrutura que precisa de reforma, a falta de quadra

para os alunos desenvolverem as atividades de educação física, a necessidade de reparo nos equipamentos, dentre outras.

Todas as características presentes nesse ambiente fizeram dele o cenário propício para a imersão do trabalho proposto pela coordenadora do Projeto Foco Acadêmico. Nesse aspecto, chama-se atenção para o fato de que nós, enquanto participantes do projeto, também temos nossas singularidades e diferenças que refletiram no desenvolvimento das atividades.

A escola escolhida representou para nós um ambiente de aprendizagem no qual tivemos a oportunidade de desenvolver e melhorar nossas habilidades e conhecimentos. Ao mesmo tempo em que ensinávamos, também aprendíamos com cada sujeito presente naquele contexto educacional. “Uma oportunidade de ser e se tornar o outro. O estrangeiro. Com empatia, busca de clareza e risco de autoinvestigação” (MORRISON, 2019, p. 121).

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educado que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de *estar sendo com as liberdades e não contra elas* (FREIRE, 2005, p.79, grifos do autor).

Paulo Freire nos permite compreender que enquanto estamos ensinando, também estamos aprendendo. Nesse processo de transmissão do conhecimento, a transposição didática dos conteúdos do ensino superior para o ensino médio é elemento primordial para sucesso do processo educativo (COSTA, 2016).

As práticas educativas se constituíram e nos transformaram enquanto sujeitos ativos e críticos nesse processo de ensino e aprendizagem percorrido. Enquanto emergíamos nesse contexto, crescemos como indivíduos, ao passo que conhecíamos a história particular por trás de cada rosto com que tivemos contato. Ao conhecermos suas realidades, compreendemos quão equivocado pode ser o olhar da(o) educadora(o) em alguns momentos, ao não conceber a bagagem trazida por cada aluno e aluna para dentro do ambiente escolar. As práticas pedagógicas construídas pelo projeto, dessa forma, se entrelaçaram com a realidade desses

estudantes, assim como com a história de Malala, que inspirou a elaboração e o desenvolvimento das ações.

Às vezes quando entro numa sala abarrotada de alunos que se sentem terrivelmente feridos na psique (muitos fazem terapia), mas não penso que eles queiram que eu seja a sua terapeuta. Querem, isto sim, uma educação que cure seu espírito desinformado e ignorante. Querem um conhecimento significativo. Esperam, com toda razão, que eu e meus colegas não lhes ofereçamos informações sem tratar também da ligação entre o que estão aprendendo e sua experiência global de vida (hooks, 2013, p. 32-33).

Como destaca hooks – em letras minúsculas, como a autora gosta de ser referenciada –, as nossas práticas pedagógicas devem levar em consideração o fato de que de nada vale para as(os) estudantes o conhecimento ensinado se este não permitir o diálogo com suas realidades. Nesse sentido, as dinâmicas desenvolvidas durante o projeto obtiveram êxitos significativos, uma vez que ocorreram diálogos entre o conhecimento ensinado junto com as experiências de vida dos estudantes. Nesse ambiente em que as práticas pedagógicas são construídas e consolidadas em meio às problemáticas sociais contemporâneas, o Projeto Foco Acadêmico possibilitou a construção de práticas pedagógicas insurgentes, como diria bell hooks, e de uma educação libertadora, segundo Paulo Freire, tocando em aspectos nevrálgicos e constitutivos da sociedade brasileira.

2 **MALALA YOUSAFZAI: um sonho de liberdade e de luta pelo direito à educação das meninas**

Antes de nos determos mais detalhadamente ao desenvolvimento das etapas do projeto, queremos destacar elementos da trajetória de vida da ativista paquistanesa que tornam sua história um celeiro profícuo para se trabalhar questões atuais e intimamente ligadas ao conteúdo desenvolvido pela disciplina de Sociologia. Formar para a cidadania, um dos objetivos da educação básica no Brasil, bem como da disciplina, representa um desafio que difusamente se delinea em ações práticas no processo de ensino-aprendizagem. Para trabalhar a questão,

nos contextos brasileiro e maranhense, a atuação de uma menina adolescente representa uma fonte inesgotável de inspiração.

Malala nasceu em um país em que ser mulher era quase uma mácula, uma desgraça. Quando nascia uma menina no seio de uma família, não se comemorava seu nascimento. Os familiares não faziam visitas, muito menos levavam presentes. Seu avô paterno, por exemplo, não a presenteou. No entanto, seu pai festejou e muito comemorou. Segundo é narrado em seu livro, desde o começo ele via um futuro grandioso para a filha. O nome de Malala foi uma homenagem à grande heroína Pachtum Malalai, cuja coragem inspirou seus compatriotas. Assim como a história de vida de Pachtum Malalai inspirou paquistaneses, a trajetória de Malala é tida como inspiração para muitas jovens ao redor do mundo.

Seu pai era professor e sempre teve o sonho de educar meninas. Sua esposa não tinha conseguido estudar; foi retirada da escola pela família, que pensava ser um investimento desnecessário a educação das mulheres. Para a maioria das famílias paquistanesas, elas deveriam aprender serviços domésticos para que, assim, se tornassem boas esposas. Porém, o pai de Malala discordava dessa perspectiva por acreditar que apenas por meio da educação é que a história do Paquistão, marcada por golpes e regimes autoritários e violentos, poderia ser modificada.

Malala cresceu nesse ambiente, morando em uma casa que também abrigava uma escola e aprendendo a reconhecer o valor da educação e das mulheres na sociedade. Pelo seu sonho e de seu pai em ter acesso ao estudo, durante o regime do talibã, foi alvejada com três tiros no rosto quando estava dentro de um *dyna* (nome dado ao ônibus em que se encontrava Malala). Ela descreve o ataque que sofreu em seu livro:

Assim que passamos a fábrica Little's Giants, a rua ficou estranhamente calma e o ônibus desacelerou. Não me lembro de um jovem nos parando e perguntando ao motorista se aquele era o ônibus da Escola Khushal. Não me lembro do outro homem indo para a traseira do ônibus, onde todas estávamos sentadas. Não o ouvi perguntar:

- Quem é Malala?

E não ouvi o BANG, BANG, BANG das três balas.

A última coisa de que me lembro é de pensar na prova do dia seguinte. Depois disso, tudo ficou escuro (YOUSAFZAI, 2018, p. 125).

As balas que alvejaram Malala ao voltar para casa, depois de uma manhã de provas, tinham como objetivo o silenciamento de suas ideias e de sua voz tão fortemente entoada em um contexto em que a fala das mulheres era, e ainda é, desvalorizada e descartada. Os discursos, proferidos em diferentes espaços, tinham como objetivo promover a transformação social da vida de mulheres que buscavam o acesso à educação como ferramenta de mudança para suas realidades. Essas balas disparadas contra uma menina adolescente, que lutava para que outras mulheres pudessem ter o direito de acesso à educação reconhecido, revelam o quanto a insurgência feminina na luta pela transformação social é tida como perigosa, vista como sinônimo de ameaça para os velhos paradigmas sociais.

3 O PROJETO EM ATO: os passos para a construção do processo educativo

Em nossa primeira ida à escola para apresentar o projeto e como ele seria desenvolvido, foi utilizado um *banner*. Nele se encontravam os objetivos propostos que buscaríamos alcançar, além da identificação dos membros da equipe. Nessa apresentação, abordamos também o fato de que o livro da Malala seria usado e explicamos quem era ela, contando sua história. Os livros foram entregues às(aos) estudantes e, durante a conversa estabelecida com elas(es), ficamos sabendo que muitos nunca tinham tido contato com outro livro, além da Bíblia.

Cabe ressaltar que a única biblioteca que existe na cidade é a da UFMA e ela não é vista como aberta ao público pela comunidade bernardense. Não há livraria e a compra de livros pela rede mundial de computadores é dificultada pelo elevado valor do frete. Em contrapartida, existe um projeto do estado do Maranhão que propõe a fundação da Rede de Bibliotecas Faróis do Saber em 94 municípios⁷,

⁷ Dados retirados do *site*: <http://snbp.cultura.gov.br/maranhao-ma/>. Acesso em: 07 jun. 2020.

mas que, na prática, está inativo em muitas dessas cidades. Assim, como o que acontece com relação a outros serviços públicos, em São Bernardo há o espaço físico, mas não existem recursos materiais e humano.

Após esse primeiro contato da entrega dos livros e da apresentação da história de vida da Malala, começamos a relacionar o contexto social dela com alguns conceitos sociológicos fundamentais. Em uma de nossas aulas para a turma, a docente responsável pelo projeto estava falando que cada indivíduo tem seu conhecimento e que todo conhecimento era importante. Foi quando um determinado aluno começou a participar – sendo esta a primeira vez que ele interagia em uma aula de Sociologia, segundo o relato da própria professora da escola. No momento de sua fala, foi possível perceber uma leve gagueira e a tamanha timidez que ele sentia. Apesar da timidez, ele tomou a iniciativa de se manifestar por se sentir parte daquele conteúdo.

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos ‘conhecimentos de experiência feitos’ com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola (FREIRE, 1996, p. 71).

O estudante, naquele momento, sentiu-se reconhecido, valorizado e narrou sua competência e habilidade no desenvolvimento de seu trabalho como mecânico e o quanto que este é imprescindível para a sociedade e para, inclusive, não ser enganado em determinados momentos. Esse fato demonstra o quanto muitas vezes as(os) educandas(os) são invisibilizados no processo de ensino-aprendizagem. Esse aluno, alheio em boa parte do tempo, não se reconhecia nas paredes e muros que permeiam o espaço escolar – considerado opressor. Aqui cabe refletir também sobre o fato de que se um estudante está em silêncio e não se manifesta em todas as aulas, nem sempre ele está desatento à explicação, por isso o estímulo à participação é tão necessário.

Podemos perceber na citação acima do educador Paulo Freire que todos os conhecimentos são importantes e que, como professora(o), temos que considerar as

condições sociais, econômicas e culturais em que as(os) estudantes estão inseridos. A realidade delas e deles é permeada por inúmeras problemáticas que devem ser levadas em consideração pelo ambiente educacional, visto que existem alguns que trabalham e que estudam, fato que pode interferir sobremaneira no rendimento escolar. Não raro existem casos de que a renda obtida pelo trabalho no contraturno da(o) estudante significa a principal fonte de renda familiar.

Nesse dia, ao contarmos sobre a história da Malala, mostramos no mapa onde está situado o Paquistão, sua proximidade com o Afeganistão (país que ficou reconhecido mundialmente pelos atentados às Torres Gêmeas nos Estados Unidos) e destacamos a desigualdade do acesso ao ensino por homens e mulheres naquele país. Após essa apresentação, perguntamos às(aos) estudantes se elas(es) achavam que o acesso ao ensino, no Brasil, era igualitário para meninos e meninas. Em um primeiro momento, todas e todos disseram que sim. Após essa pergunta, começamos a provocá-los questionando se, quando uma adolescente estudante engravida geralmente quem abandona a escola são os futuros pai e mãe da criança ou se apenas um deles. Eles responderam que era a mãe adolescente que abandonava. Após essa constatação, fizemos novamente a pergunta inicial e eles disseram que o acesso, no Brasil, não era o mesmo. Além disso, um dos estudantes afirmou que a mãe não sabia ler e escrever porque, quando criança, teve que abandonar a escola para ajudar nas tarefas domésticas.

Pelo livro, fomos intercalando temas centrais da Sociologia, tais como: “relativismo cultural, relações de gênero e diversidade, desigualdades sociais, etnocentrismo, classes sociais, conhecimento de senso comum e conhecimento científico, dentre outros”. Todos esses temas e conceitos, presentes no livro didático, em diálogo com a narrativa da obra e relacionado aos contextos sociais, econômicos e culturais dos quais os/as estudantes fazem parte, permitiram uma melhor compreensão dos objetivos da disciplina.

Uma das dinâmicas propostas no decorrer da realização das atividades do projeto foi denominada “O lápis mágico” – baseada no livro da ativista. O objetivo dessa dinâmica foi estimular a leitura e ampliar a participação das(os) estudantes

nas atividades do projeto. Desde o começo, nosso intuito foi de que eles se engajassem voluntariamente, tendo o incentivo da nota, mas não a obrigação. Afinal, queríamos mensurar o impacto – positivo ou negativo – das ações pedagógicas, principalmente entre um público considerado apático e, por isso, não merecedor de investimentos em sua formação. Nessa dinâmica, nossos corpos, como discentes de uma licenciatura, bolsistas e voluntários do projeto, foram utilizados para chamar as(os) estudantes a participar, destacando, assim, a “[...] necessidade de uma sociologia não somente do corpo, no sentido de objeto (‘of the body), mas também a partir do próprio corpo como instrumento de investigação e vetor de conhecimento (‘from the body)’” (PISANI, 2018, p. 30). Nossos corpos serviram de mediação no processo de ensino-aprendizagem – assim como os corpos da coordenadora do curso e da professora regente da sala.

A dinâmica funcionou da seguinte maneira: foi feito um círculo tanto dos alunos e alunas da escola como dos realizadores do projeto – as professoras também participaram, como mencionado acima. A dinâmica não foi obrigatória, por isso algumas(ns) estudantes não participaram. Uma música foi utilizada para fazer girar o lápis entre as mãos das(os) participantes. Na hora que a música parava, a pessoa que estava segurando o lápis tinha que falar o que construiria com um lápis mágico, revelando, assim, sonhos e desejos. Como dito anteriormente, essa dinâmica foi retirada de uma parte do livro em que Malala narra o fato de adorar assistir um programa de televisão em que esse objeto mágico se faz presente.

Quando fiz oito anos, papai já tinha mais de oitocentos alunos em três prédios – em um deles ficava o ensino fundamental e em outros dois o ensino médio, um para meninos e um para meninas –, então nossa família finalmente tinha dinheiro suficiente para comprar uma TV. Foi quando fiquei obcecada pela ideia de ter um lápis mágico. Tirei isso do Shaka Laka Boom Boom, o programa a que Safira e eu assistíamos depois da aula. Era sobre um menino chamado Sanju, que transformava qualquer coisa em realidade desenhando. Se estava com fome, desenhava uma tigela de curry, e ela aparecia na sua frente. Se estava em perigo, desenhava um policial. Ele era um pequeno herói, sempre protegendo as pessoas que estavam em apuros (YOUSAFZAI, 2018, p. 37).

Alguns estudantes, em um primeiro momento, não queriam participar da dinâmica. No entanto, no decorrer dela, as(os) que estavam fora do círculo

começaram a interagir, comentando as falas das(os) colegas. Dessa forma, direta ou indiretamente, toda a turma participou da dinâmica. Podemos avaliar de maneira positiva essa interação, visto que tanto a equipe do projeto quanto as(os) estudantes do ensino médio falaram abertamente sobre seus sonhos e seus desejos, destacando o que almejavam para o futuro.

É importante, desse modo, chamarmos atenção para a importância de projetos que, mesmo diante das dificuldades apresentadas durante sua realização, tiveram seus êxitos ao tocar aspectos que envolvem as vivências e as experiências das(os) educandas(os), além de convidá-los a serem parte integrante do processo educativo. A partir das aprendizagens advindas dessa dinâmica, no último dia do projeto, desenvolvemos a atividade da escrita de cartas, em que alunos e alunas destacavam como a vida da Malala e a delas(es) se entrelaçavam em vários aspectos. A história de Malala ficou conhecida pelo mundo por meio do diário escrito por ela para um jornalista da BBC. No seu diário, a jovem, na época com 11 anos, relata as dificuldades enfrentadas pelas meninas para terem acesso à educação no Paquistão. Nele, Malala também relata o orgulho de estudar e a importância do direito à educação para todas e todos.

À noite, em casa, eu me perguntava o que faria da vida se não pudesse ir à escola. Uma das meninas tinha se casado antes do decreto de Fazlullah⁸. Ela tinha doze anos. Eu sabia que meus pais não fariam isso comigo, mas me perguntava: o que *eu* faria? (YOUSAFZAI, 2018, p. 77, grifo da autora).

Malala, ao escrever seu diário contando a sua história e a das meninas paquistanesas, destaca as consequências da guerra e das desigualdades que assolam as populações de vários países, principalmente daqueles que lutam pela garantia de direitos, como o direito à educação. Ademais, essas lutas destacam o quanto a educação de jovens meninas é vista como uma ameaça aos costumes tradicionais. Por se tratar de uma ferramenta libertadora, a educação “ameaça”

⁸ Segundo descrito no livro da ativista, o decreto de Fazlullah trata-se da notícia divulgada pela rádio Mulá FM, em que consta a seguinte mensagem: “a partir do dia 15 de Janeiro, nenhuma menina, grande ou pequena, deverá ir à escola. Do contrário, sabem o que podemos fazer. E os pais e diretores das escolas serão responsabilizados. Essa foi a notícia que chegou pela rádio no final de dezembro de 2008”.

romper velhos paradigmas assentados na reprodução de papéis de gênero que reforçam aspectos que visam impor a submissão feminina. Nesse sentido, as escolas para meninas no Paquistão são práticas insurgentes, fundamentais para a transformação social da realidade dessas jovens.

A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizagem é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo (hooks, 2013, p. 25).

Sob esse aspecto, ao partir da concepção da educação como prática da liberdade, nossa última atividade realizada na escola foi o desenvolvimento da dinâmica de escrita de cartas. Essa atividade foi realizada no auditório da escola e contou com a participação de todas e todos, por ter sido considerada uma atividade avaliativa. Essa foi uma estratégia adotada pela professora, ressaltando que as(os) estudantes ganhariam pontos extras elaborando a carta. Tal fato permitiu a ampla adesão deles. Dentre as cartas escritas, escolhemos algumas para ilustrar as relações narrativas estabelecidas pelas alunas. Os nomes aqui presentes não representam os reais nomes das estudantes, mas formas alteradas a fim de preservá-las.

Gizela, relato retirado de uma das cartas escritas:

Depois de anos novamente me vejo em uma sala de aula. Depois de décadas lutando com as dificuldades do dia a dia, lembro da menina Malala, que em meio as dificuldades, lutava diariamente para estar em uma sala de aula assim como eu.

Logo que estava terminando o primeiro ano do ensino médio, outubro de 2003, engravidei da minha primeira filha. Tive que parar, pois as lutas diárias de uma dona de casa sobrecairam sobre mim. Me vi obrigada a deixar os estudos. Anos se passaram e veio o Arthur. Agora, depois que ele completou os quatro anos, eu, assim como Malala, tive um grande homem ao meu lado, só que ao invés de pai tive meu esposo.

Pela manhã Malala saía para estudar, enfrentando os preconceitos impostos pela sua sociedade. Eu, casada, dividindo uma sala com uma porção de adolescentes, me vejo rodeada de preconceitos que não diferente de Malala, tentam me barrar.

Apesar de todos termos esse direito garantido na constituição (educação), ainda existem milhares de Malalas disfarçadas de mães que lutam para

poder terminar os estudos. Existem infelizmente outros que não sobrevivem ao tiro no peito, que é ter que decidir entre ir na escola apesar dos terroristas que é chamado de preconceito, ou o de seguir em frente e lutar assim como Malala.

Esse relato evidencia as dificuldades enfrentadas por milhares de mulheres no Brasil e no mundo que, assim como Malala, lutam diariamente para terminar seus estudos em meios às inúmeras dificuldades que surgem pelo caminho. Essas mulheres às vezes são mães, filhas, tias, sobrinhas, irmãs que, por diversas situações, enfrentam grandes barreiras para terem acesso à educação, um direito garantido pela Constituição Brasileira. São muitos os fatores que interferem na permanência dessas jovens na escola. No trecho acima, a estudante compara o preconceito que enfrenta no dia a dia, convivendo com colegas de classe de idades distintas, aos terroristas que atacaram Malala. A força dessa fala demonstra o quanto a escola nem sempre se torna um lugar acolhedor, sendo muitas vezes permeado por conflitos camuflados ou escamoteados. Tais conflitos destacam ainda mais a importância da Sociologia como disciplina capaz de estimular o respeito à diferença e o exercício da tolerância. Como bem ressaltou Bernard Lahire (2014), se há uma utilidade no ensino de Sociologia é a de nos tornar menos obtusos, permitindo que, ao incorporarmos valores, tenhamos contato com a pluralidade de modos de vida e de ser existentes em diferentes regiões do mundo.

A dinâmica das cartas nos possibilitou vislumbrar o desejo que todas(os) as(os) estudantes têm de terminar seus estudos e adquirir melhores condições de vida, assim como evidenciou as semelhanças entre as histórias desses jovens participantes do projeto e da jovem Malala

Relato retirado de uma das cartas:

Uma carta para menina Malala.

Meu nome é Janaina tenho 15 anos não sou uma aluna de escola particular, nem tão pouco sou filha de alguém importante para sociedade, mas como Malala tenho uma enorme vontade de estudar. Carrego comigo cicatrizes, perdas e violências, mas assim como Malala acredito no poder da educação na vida das pessoas. Nós mulheres somos livres, temos o direito a educação e podemos sim escolher o que queremos ser.

Sou uma Malala na vida, e com orgulho eu defendo a educação, mulher é forte, mulher merece estudar e ser o que quiser, Malala carrega cicatrizes, mas não desiste de lutar.

Para a concretização dessa atividade avaliativa, os estudantes contaram com o auxílio das(os) participantes do projeto, esclarecendo suas dúvidas. A realização dessa atividade evidenciou o quanto é importante considerar o contexto social de cada aluna e aluno, visto que durante a leitura das cartas pelas(os) bolsistas e voluntárias(os) do projeto, foi possível observar que na escrita apareciam suas dificuldades de vida, seus problemas familiares, o quanto suas histórias perpassavam por relações de abandono, de preconceito e de violência. A dinâmica revelou um aspecto que muitas vezes passa despercebido pela escola, que é o contexto social e familiar no qual estudantes vivem e o quanto essas relações afetam diretamente no desenvolvimento educacional de cada sujeito.

A realização dessa atividade revelou-se como um processo de escuta, sendo o nosso momento de ouvir e de elas(es) narrarem suas histórias, revelando a carência de afeto, assim como a falta de voz em diferentes espaços. Essas(es) estudantes, por serem taxados como integrantes da “pior turma”, tinham suas vivências excluídas do ambiente escolar. Esse fato refletia no comportamento adotado por todas e todos. Uma vez que ninguém ligava para suas dores, elas e eles adotavam práticas de “rebeldia” para esconder o abandono e descaso pelo qual passavam. Nas linhas que seguem, tornou-se perceptível reconhecer o quanto, principalmente os meninos, consideravam-se o resto de um sistema social opressor, composto por dinâmicas de exclusão que os situavam sempre fora dos espaços de cidadania. Em uma das cartas, o relato emocionante de um menino é o retrato do abandono.

Uma carta para menina Malala

Eu também passei por um momento ruim na minha vida. Fui abandonando no hospital quando eu nasci, porque minha mãe tinha muito filho para criar e, com a crise, ela não tinha dinheiro suficiente para poder criar todos nós, então minha vó me pegou para me criar, fiquei morando com ela até os 16 anos, até ela falecer.

A dor foi muito grande por causa que era só nós dois que morava juntos. Tivemos momentos muito bons, quando ela ainda estava viva. Então eu não tinha para onde ir, meu tio me pegou para morar com ele, pois minha mãe não me aceitou de novo. Mas vou vencer tudo isso, vou ser alguém na vida. Hoje trabalho, sou mecânico de carros, quero ser engenheiro. Tenho um propósito na minha vida. Não tenho ninguém para me apoiar, minha família é só Deus e é nele que eu vou me firmar.

Esses relatos descrevem contextos que se assemelham ao que foi apontado pelo filósofo francês Olivier Razac:

Mediante este proceso complejo y circular se crea a la vez una jerarquía, social y espacial, que se mide según la capacidad de acceso a los lugares valorados simbólicamente y/o economicamente. Y aquellos que no pueden entrar a ningún sitio deambulan en un verdadero <no man's land> y espacial. Solo les queda el exterior, el afuera, que puede estar por todas partes, en tanto que representa el ángulo muerto de la inclusión democrática liberal, el lugar de transposición del <dejar vivir> biopolítico en un discreto <dejar morir> (RAZAC, 2015, p. 236).

Nesse sentido, pensando a partir de um diálogo com as análises de Olivier (2015), são garotos, homens, educados e socializados de acordo com determinados discursos e critérios de masculinidade – tanto na escola como em outras esferas da sociedade – e que foram colocados em um lugar à parte, fora do direito à educação. Enquanto estávamos desenvolvendo o projeto, uma representante do corpo docente da escola questionou a professora de Sociologia por que tínhamos escolhido justamente essa sala, uma vez que os estudantes dessa classe não gostavam de produzir. Quando a professora disse que era esse o critério posto pela coordenadora do projeto, ela disse ser uma pena tal fato, uma vez que outras turmas renderiam muito mais no desenvolvimento das atividades.

Em uma conversa, avaliando os resultados das atividades entre a equipe do projeto e a docente responsável pela disciplina na escola, foi colocado que estudantes ruins em salas boas atrapalham o rendimento escolar das(os) demais. Tal argumento foi utilizado para explicar a separação de determinados estudantes, fato notoriamente percebido por nós e destacado em conversas informais. Nós, entretanto, ressaltamos que estudantes tímidos, porém com certas dificuldades, poderiam se desenvolver melhor em outras salas, compostas por uma diversidade de estudantes que apresentam várias habilidades (e que, por isso, poderiam trocar suas experiências entre colegas) – exemplo destacado a partir de um aluno que, com o desenvolvimento do projeto, passou a participar mais das aulas de Sociologia. Ademais, como as narrativas presentes nas cartas evidenciaram, comportamentos

desinteressados de algumas(ns) estudantes podem encobrir camadas bem mais profundas de exclusão, desigualdade e abandono.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da realização do Projeto de Ensino “Cinema e Educação: linguagens, mídias sociais e performances no ensino de Sociologia na rede pública de São Bernardo/MA”, parte do Programa Foco Acadêmico da UFMA, permitiu a força das(os) licenciandas(os) a partir da interface entre teoria e prática. Dessa forma, ao pensar metodologias alternativas de ensino de Sociologia, capazes de promover a tradução dos conteúdos do ensino superior para uma linguagem do ensino médio, esses discentes tiveram contato também com o cotidiano escolar e com os desafios diários que fazem parte da prática docente. Nas diferentes etapas – como a leitura do livro, o planejamento coletivo, as observações e a implementação das ações –, foi possível compreender a importância de contextualização do conhecimento, tão necessário em qualquer disciplina, mas ainda mais em se tratando da disciplina de Sociologia. Há que se destacar que os conceitos e teorias clássicos e contemporâneos da disciplina, em diferentes épocas, serviram para trazer luz à complexidade dos problemas e realidades sociais, ampliando nossa apreensão do humano e nossa compreensão do mundo e das relações que nos cercam.

Ao participarem de uma experiência de sala de aula, as(os) licenciandas(os) se formaram e moldaram sua atuação como docentes e pesquisadoras(es), percebendo a importância de valorizar diferentes atores e falas que constituem o ambiente escolar. Sem os erros das diferentes etapas, muito provavelmente estaríamos alheios a essa complexidade, mirando espelhos. Só levando realmente a sério a educação como prática de liberdade e de transformação, será possível construir laços sociais pautados no respeito, na igualdade e na eliminação de toda e qualquer forma de opressão. Afinal:

[...] ‘Aqui’, ‘aqui neste lugar, nós somos carne; carne que chora, ri; carne que dança descalça na relva. Amem isso. Amem forte. Lá fora não amam sua carne sua carne. Desprezam sua carne [...] Amem suas mãos. Levantem e beijem suas mãos. Toquem outros com elas, toquem uma na outra, esfreguem no rosto, porque eles não amam isso também. Vocês tem de amar, vocês!’ (MORRISON, 2019, p. 114-115).

Que o amor, a educação e a coragem de uma menina sejam nossa inspiração para atos insurgentes e de rebeldia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, J. P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra: São Paulo, 1996.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2005.

COSTA, L. S. *As Ciências Sociais na UFMA e a formação de professores de Sociologia*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Humanas, São Luís. 2016. Acesso em: 07 out. 2020.

hooks, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. WMF Martins Fontes: São Paulo, 2013.

LAHIRE, B. Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da Sociologia? *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 45, n. 1, jan/jun, 2014, p. 45-61.

LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Autêntica: Belo Horizonte, 2000, p. 7-34.

MORRISON, T. *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. Companhia das Letras: São Paulo, 2019.

PISANI, M. S. “*Sou feita de chuva, sol e barro*”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo. 2018. Acesso em: 02 ago. 2020.

RAZAC, O. Las nuevas delimitaciones del espacio y Epilogo. *In: Historia politica del alambre de espino*. S.C. de Tenerife: Melusina, 2015. p. 169-244.

YOUSAFZAI, M. *Eu sou Malala: como uma garota defendeu o direito à educação e mudou o mundo*. Seguinte: São Paulo, 2018.

VARGAS, F. E. B. O Ensino da Sociologia: dilemas de uma disciplina em busca de reconhecimento. *In: WordPress Institucional – Plataforma Institucional de hospedange de websites Universidade Federal de Pelotas, s/a Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2011/10/ARTIGO-O-Ensino-da-Sociologia.pdf> Acesso em: 05 jun. 2021.*

Recebido em: 05 mar. 2021.

Aceito em: 22 jun. 2021

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO

PEREIRA, Amanda Gomes; SANTOS, Lucas Oliveira dos; SANTOS, Gizele Oliveira dos. “Eu sou Malala”: gênero, representatividade e educação como prática transformadora. *Revista Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais. CABECS*, v.5, n. 1, p.115-137, jan./jun. 2021.